Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Imaginários tecnolibertários: contracultura e ativismo no Vale do Silício[1]
Technolibertarian imaginaries: counterculture and activism in Silicon Valley

Tiara Vaz

Palavras-chave: tecnologias; ativismo; ccontracultura; imaginários sociais; Vale do Silício.

1 Introdução

Conforme observa Pereira (1985), os anos 1960 mobilizariam os imaginários contraculturais em sua máxima potência. Este espírito contestatório confrontava, à época, os valores centrais da cultura ocidental e de massa: a racionalidade, a sociedade de consumo, o capitalismo industrial, o poder das autoridades e suas convenções estéticas. Assim a referida década testemunharia a eclosão dos movimentos estudantis, as mobilizações pelos direitos civis de mulheres, gays e da população negra, as expressões anti-imperialistas e a intensificação no intercâmbio das artes e da cultura.

Michel Maffesoli (2001, p. 75) dá-nos os entendimentos sobre imaginários sociais como o ambiente, a atmosfera e o ar de um tempo (Maffesoli, 2001, p. 75). Cada tempo histórico, deste modo, experimentaria valores comuns, modos de vida, sensações

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

coletivas e comportamentos que direcionariam as relações sociais e culturais de modo a apreender a essência de uma época para além de suas estruturas formais e institucionais.

Na Costa Oeste estadunidense, especialmente na Califórnia como epicentro das manifestações contraculturais, os imaginários antissistema e permeados por novos estilos de vida participariam também no desenvolvimento das novas tecnologias da computação. Esses imaginários tecnolibertários mobilizavam, assim, parte dos pioneiros do Vale do Silício nos anseios pela construção de uma nova inteligência coletiva e emancipatória. De acordo com Barbrook e Cameron (2018, pág. 15):

> (...) influenciados pelas teorias de Marshall McLuhan, estes tecnófilos pensavam que a convergência da mídia, da computação e das telecomunicações criaria inevitavelmente a ágora eletrônica – um lugar virtual onde todos poderiam expressar sua opinião sem medo de censura.

Barbrook e Cameron (2018) apontam como os imaginários contraculturais e antiautoritários foram convergindo, na iminente indústria da inovação, na aproximação entre o utopismo tecnológico e o liberalismo econômico. Cunham o termo "Ideologia Californiana" na identificação da mistura "do espírito desgarrado do *hippie* com o zelo empreendedor do *yuppie*" (pág. 12). Essa combinação aparentemente paradoxal reproduziria assimetrias estruturais sob o discurso do progresso inevitável, com efeitos nas subjetividades e no tecido social, resultando na ressignificação dos imaginários tecnolibertários.

2 Desenvolvimento

Silva (2006, p. 10) salienta o caráter criador e coletivo dos imaginários sociais, caracterizando-os como "[...] uma força, um catalisador, uma energia e, ao mesmo tempo, um patrimônio de grupo (tribal), uma fonte comum de sensações, de lembranças, de afetos e de estilos de vida". Segundo Maffesoli (2001), o imaginário é sempre social e compartilhado: uma rede etérea e movediça de valores e de sensações que se dá por

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

contágio, estabelecendo vínculos. Referencia-os a partir das experiências e práticas cotidianas, residindo nos afetos, nas emoções, na estética, nos laços comunitários e nos vínculos sociais, dando sentido ao vivido. Silva (2021) lembra-nos de que nenhuma sociedade se mantém coesa sem o compartilhamento de ficções construídas, coletivamente, ao longo do tempo.

Neste sentido, Lee Felsenstein, engenheiro da computação e ativista do *Free Speech Movement*, movimento que tomaria o campus da Universidade de Berkeley da Califórnia em 1964 a partir de atos de desobediência civil e em prol da liberdade de expressão, propagava: "Para mudar as regras, mude as ferramentas" (O'Mara, 2021, p. 119). Felsenstein integrava o *Home Brew Club*, clube de amantes da informática situado em Menlo Park, cidade que sediaria, nas décadas seguintes a fundação do Google e as imediações da Meta Platforms Inc. Centrado na educação computacional e no lema emancipatório "*faça você mesmo"*, o clube contava com os fundadores da Apple Inc., Steve Jobs e Steve Wozniak, entre seus integrantes e pretendia ensinar pessoas comuns a montarem suas próprias máquinas como princípio libertário.

No livro manifesto *Computer Lib/Dream Machines: You Must Understand computer NOW!* (1974), Theodor H. Nelson proclamava a revolução dos computadores e a implosão das estruturas de poder. A quase ausência de regras dos sistemas que programavam, acreditava, levaria a uma comunidade com autogestão na qual ideias iriam subir ou cair de acordo com o mérito. "Desconfie da Autoridade – promova a descentralização", desafiava um panfleto escrito por Steven Levy, jornalista da ética *hacker* (O'Mara, 2021, p. 7). Centros de pesquisa e publicações surgiam, à época, difundido imaginários de uma liberdade ilimitada a partir das novas possibilidades tecnológicas. Acrescentamos, entre essas iniciativas, a publicação *Whole Earth Catalog*, o *People's Center Company,* os experimentos do PARC Xerox e a revista WIRED, somando-as ao circuito de feiras e festivais direcionados à cultura *hacker* e ao *software* livre (Fischer, 2023).

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Junto a empreendedores de alta tecnologia, boa parte desses pioneiros da computação seriam absorvidos, ao longo do tempo, pela emergente indústria da tecnologia da informação. Formariam a assim chamada "classe virtual" na Costa Oeste: "a *tecno-intelligentsia* dos cientistas da cognição e da computação, engenheiros, criadores de jogos eletrônicos e todos os outros especialistas em comunicação" (Barbrook; Cameron, 2018, p. 16-17).

A biográfa do Vale do Silício Margaret O'Mara (2021, p. 8) afirma: "a revolução dos computadores tinha a alma do livre mercado". Tão importante quanto as políticas tributárias favoráveis ao setor tecnológico, foi o modo como os investimentos privados e públicos fluíam com "uma notável liberdade para [as empresas] definirem como poderia ser o futuro". Assim, cientistas, acadêmicos e investidores cuidavam do financiamento de seus negócios, ao mesmo tempo em que moldavam o design de suas invenções "praticamente fora do radar político" (O'Mara, 2021, p. 10).

Essa construção exclusivamente privada e corporativa do ciberespaço e das inovações tecnológicas, de acordo com Barbrook e Cameron (2018), ignoraria a concentração de poderes, as desigualdades sociais e o papel do Estado. Segundo observam, a Ideologia Californiana passaria a reproduzir assimetrias estruturais sob o discurso do progresso inevitável, com efeitos na sociedade e nas subjetividades. Em lugar da liberdade coletiva visada pelos radicais *hippies*, desenvolver-se-ia na defesa da liberdade dos indivíduos no mercado a partir do tecnocentrismo, em uma "uma cegueira voluntária frente a outras – e muito menos positivas – características da vida na Costa Oeste: racismo, pobreza e degradação do meio ambiente" (Barbrook; Cameron, 2018, p. 13). Acabaria por endossar "algumas das características mais atávicas da sociedade americana, em especial aquelas derivadas da amarga herança da escravatura" (p. 14).

Passados mais de meio século desde o início da revolução dos computadores, uma nova geração de engenheiros, matemáticos e especialistas na criação de produtos e serviços e na gestão corporativa da *big tech* tem-se expressado na defesa da autonomia dos indivíduos. Desta vez, porém, mobilizando distintos imaginários tecnolibertários:

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

movem-se a partir de denúncias sobre os modos escusos das tecnologias operarem, sob agência das grandes corporações, a partir da extração e colonialismo de dados direcionados à manipulação das subjetividades. A cultura empresarial dessas corporações também entra no foco dessas exposições.

O documentário "O dilema das redes" (*The social dilema*, 2020)[2] apresenta esses imaginários dissidentes por meio de depoimentos de profissionais que ocuparam cargos de designers, desenvolvedores e até mesmo presidentes em grandes empresas de tecnologia no Vale do Silício – entre elas, Google, Twitter, Facebook, Instagram, Pinterest e YouTube. Segundo Karhawi e Ramos (2023), a obra pode ser tomada a partir de uma perspectiva de literacia algorítmica no que alude ao seu didatismo sobre a arquitetura das redes sociais e seus efeitos biopsicossociais.

Entre os depoentes do filme, está o pioneiro da realidade virtual, ex-programador e ativista Jaron Lanier. Em seu livro "Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais", descreve o que chama, provocativamente, de máquina Bummer *(Behaviors of user modified, and made into an empire for rent)*[3], a lógica algorítmica circulante nas redes sociais. A Bummer, de acordo com Lanier (2018, pág. 42), interviria nos sentidos de percepção social criando falsas multidões e implodindo capacidades de empatia. Sua engenharia, como tal, estaria inclinada aos discursos de ódio, à formação de comunidades extremistas e à desinformação.

A ex-engenheira de *software* Wendy Liu, em "Abolir o Vale do Silício: como libertar a tecnologia do capitalismo" (2024), acrescenta as perspectivas de gênero, raça e do trabalho à discussão. Dedica-se ao debate sobre a formatação das tecnologias e da própria indústria como meios e ambientes excludentes. Estariam voltadas, exclusivamente, ao acúmulo de capital de maneira a interditar potencialidades

[2]Dirigido por Jeff Orlowski e produzido pela plataforma de *streaming* Netflix.
[3]Em tradução nossa: Comportamentos de usuários modificados e transformados em um império para alugar.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

tecnológicas e novos arranjos sociais. No Brasil, o coletivo Código Não Binário reúne desenvolvedores, ativistas e pensadores em torno da construção de uma tecnologia dissidente, antirracista e anticapitalista, propondo que a soberania digital passe, necessariamente, pelo protagonismo de corpos historicamente marginalizados nos processos de criação e governança tecnológica.

Alan Kay, cientista da computação e integrante do Xerox Parc Palo Alto Research Center (PARC), um dos principais polos desenvolvedores de tecnologia no Vale do Silício e, haja vista, celeiro tecnolibertário, compartilharia sobre a crença ilibada na inovação:

> A computação é terrível. As pessoas pensam – falsamente – que houve algo como processos darwinianos gerando o presente. Portanto, o que temos agora deve ser melhor do que qualquer coisa que tenha sido feita antes. E não percebem que os processos darwinianos, como qualquer biólogo lhe dirá, não têm nada a ver com otimização. Eles têm a ver com adaptação. Se você tiver um ambiente estúpido, terá uma adaptação estúpida (Liu, p. 199, 2024).

A desenvolvedora de *software* e jornalista Meredith Broussard (2018), escrevendo a partir dos territórios da *big tech*, com passagens por grandes corporações e afastada de seus discursos hegemônicos, argumenta que o entusiasmo coletivo pelas tecnologias da computação, aplicado a diversos campos de nossas vidas, resultou em uma quantidade sem fim de sistemas mal projetados. A autora nomeia como "tecnochauvinismo*"* a crença de que a tecnologia é sempre a solução (p. 7), convocando a pensar sobre quais problemas, de fato, um computador ou uma inteligência artificial podem resolver.

3 Aspectos conclusivos

As tecnologias da informação têm-se constituído campo em disputa de imaginários desde o seu surgimento. Se em sua gênese, circulavam imaginários tecnolibertários contraculturais permeados pela liberdade de expressão e emancipação

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

dos indivíduos, seu desenvolvimento, levado a cabo por grandes corporações operacionalizadas em modelos de livre mercado, tem-se presentificado como desafio frente à afetação das subjetividades, à manutenção de ecossistemas de desinformação e às ameaças às democracias. Assim o colonialismo e a exploração de dados, o racismo algorítmico, os efeitos psicológicos das redes e o poder ilimitado da *big tech* entram nas abordagens ativistas e passam a ressignificar os imaginários tecnolibertários. A própria inovação, de *ente tecnolibertário,* passa à interpelação como agente ativo reprodutor de opressões. De meio, torna-se alvo.

Partindo da constatação de que vivemos sob uma ordem de transformação da vida social e íntima em dados, Milan e Beraldo (2019), por exemplo, conceituam o *data activism*. A partir de um conjunto de práticas políticas, sociais e comportamentais, propõe que os processos de produção, circulação e uso de dados tornem-se objeto de disputa e de reapropriação como instrumento de ação. De modo aproximado, observando a agência algorítmica dos usuários, Bonini e Treré (2024) desenham o hackeamento dessas arquiteturas na busca por brechas e por meio de práticas diárias de subversão e resistência. Neste entorno, Karhawi e Ramos (2023) sinalizam a pertinência de uma literacia algorítmica no que se refere ao funcionamento das plataformas digitais, ao passo que a Educomunicação e o Letramento Midiático expandem-se como campo de estudos e ativismos.

Referências

BARBROOK, Richard; CAMERON, Andy. **A ideologia californiana**. Cachoeira do Sul: Monstros dos Mares, 2018.

BERALDO, Davide e MILAN, Stefania. From data politics to the contentious politics of data. **Big Data & Society**, [*S. l.*], v. 6, n. 2, p. 1–11, jul./dez. 2019. SAGE Publications. DOI: https://doi.org/10.1177/2053951719885967. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/2053951719885967>. Acesso em: 8 out. 2025.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

BONINI, Tiziano e TRERÉ, Emiliano. Algorithms of Resistance: the everyday fight against platform power. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2024
BROUSSARD, Meredith. ***Artificial Unintelligence: How Computers Misunderstand the World***. Cambridge, MA: MIT Press, 2018.
FISHER, Max. **A Máquina do Caos**: Como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. São Paulo: Todavia, 2023.

KARHAWI, Issaaf e RAMOS, Daniela Osvald. Por uma literacia algorítmica: uma leitura educomunicativa do documentário O dilema das redes. In: Interin, v. 28, n. ja/ju 2023, p. 6-23, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.35168/1980-5276.UTP.interin.2023.Vol28.N1.pp6-23. Acesso em: 08 out. 2025.

LANIER, Jaron. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LIU, Wendy. **Abolir o Vale do Silício**: como libertar a tecnologia do capitalismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

MAFESSOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 74–82, ag. 2001.

NELSON, Theodor H. **Computer Lib/Dream Machines**. Redmond: Microsoft Press, 1974.

O'MARA, Margaret. **O código**: as verdadeiras origens do Vale do Silício, seus mitos e seus criadores. 1. ed. São Paulo: Alta Books Editora, 2021

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do Imaginário**. 2 ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

_____. **Aura e Imaginário**. Produção em revista. Porto Alegre: Sulina, 2021.